

ALBERTI, Verena. ***Ouvir Contar: textos em história oral***. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

Carla Monteiro de Souza<sup>1</sup>

Por mais que se tenha avançado, a história oral, ainda hoje, suscita alguma polêmica entre os historiadores de ofício. Persiste uma certa desconfiança. Muitos só conseguem perceber e aceitar o seu uso na falta de outro tipo de documentação, quando seria tomada como recurso extremo. Longe de simplificar ou generalizar questão tão complexa, acredito que esta desconfiança está relacionada com um aspecto fundamental em nossa área, qual seja, o caráter científico da história e do trabalho do historiador.

As questões acerca da cientificidade da história inscrevem-se no marco dos chamados paradigmas fundadores: o positivista e o historicista. De maneira geral, ambos enfatizam na questão a natureza e robustez das fontes e o relacionamento do historiador com elas. Embora as discussões acerca do pensar e do fazer história tenham alcançado grandes avanços, estes dois aspectos ainda dão forma ao ceticismo em relação às novas fontes e novas problemáticas, configurando todo um elenco de dificuldades de operar com elas, que há muito nos leva a optar pelo que é conhecido, comprovado e amplamente aceito.

Neste sentido o livro de Verena Alberti segue a trilha daqueles que buscam contribuir para que estes aspectos sejam efetiva e criticamente discutidos. Sabendo-os basilares na produção historiográfica, o livro reafirma uma posição militante

1. Doutora em História e professora do Departamento de História da UFRR.

em prol do aprofundamento da abordagem histórica e pela ampliação dos horizontes e possibilidades da história como conhecimento socialmente válido e útil.

A longa familiaridade da autora com a história oral permeia todo o livro. Sua atuação como pesquisadora do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas transparece em todos os textos que compõem a obra. Os cinco primeiros estão direcionados para reflexões de natureza teórica e/ou metodológica, enquanto os três últimos, de caráter mais empírico, se debruçam sobre três personagens bem distintas, Evandro Lins e Silva, Afonso Arinos de Melo Franco e Fernando Pessoa.

Como a autora afirma na introdução, sua intenção foi "juntar o que estava esperso", sendo, portanto, uma "condensação" de suas reflexões sobre história oral. Explica que "ainda que se trate de uma coletânea, o livro como um todo pretende transmitir determinadas ideias", tendo como centro a de que a "história é construção".

Já no primeiro capítulo, intitulado *O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa*, discorre sobre as possibilidades de produção de conhecimento oferecidas pela história oral e o "fascínio" exercido pela "vivacidade do passado" contido nas fontes orais. Afirma que a combinação entre o "vivido" e o "concebido" presente nas fontes orais remete ao "esforço obstinado e ao mesmo tempo impotente de refazer o percurso do vivido". Por outro lado a certeza de que o passado não "retorna", de que não é passível de resgate, anima o historiador a valorizar a combinação do "contínuo" e do "descontínuo" manifesta nas fontes orais, tomando-a a seu favor.

Fascínio e possibilidades estariam relacionados também aos dois paradigmas que dão sustentação à história oral: "o modo de pensar hermenêutico e a ideia de indivíduo como valor". Afirma que ambos estão profundamente "infiltrados em nosso modo de ver o mundo", que quase não nos apercebemos deles. Esta ligação intrínseca com algo tão amplamente introjetado em todos nós, destaca o caráter construtivista que une entrevistado e entrevistador e enfatiza a consciência da "vocalização totalizante da história oral", face à "fragmentação e dissipação de significados", o apagamento do sujeito e o "privilégio da superfície" tão em voga em nossos dias. Estes também seriam os aspectos que justificariam o sucesso da história oral fora do âmbito das ciências humanas e dos meios acadêmicos.

No capítulo segundo Alberti realiza "um exercício de definição do estatuto da história oral como fonte". Intitulado *O que documenta a história oral: a ação da memória*, o texto expõe uma breve argumentação que configura as concepções do passado como "formas de ação". Utilizando-se de Becker e de sua noção de "arquivos provocados" e da noção de Hüttenberger de que "um relato da ação é também um resíduo de uma ação", explica sua concepção de que a entrevista documenta uma ação interativa, ou seja, a "comunicação entre entrevistador e entrevistado", e uma ação específica, isto é, a "de interpretar o passado".

Neste aspecto aponta algumas referências e categorias que dão sentido à memória no campo da história oral. Buscando apoio em Michael Pollak, discute o caráter social da memória, destacando a amplitude da história oral quando a investiga não apenas como produtora de significados mas também como acontecimento e ação. Reforça, assim, as noções de "memórias em disputa" e de que há "um trabalho de enquadramento da memória". Aponta as potencialidades da história oral como meio

de acesso "a uma pluralidade de memórias e perspectivas do passado", bem como um campo propício "para o estudo da subjetividade e das representações", vistas como capazes de agir sobre a realidade e sobre o entendimento do passado.

O terceiro texto destaca aspectos dos estudos realizados pela autora por ocasião de seu doutoramento na Alemanha. *História oral e terapia: o exemplo alemão*, discorre a guisa de considerações iniciais sobre a relação entre a história oral e noção de "história democrática" ou "história vista de baixo", a qual faz uma crítica enfática. Aponta que na raiz destas noções estão polarizações que contribuem para "enfraquecer a própria especificidade da história oral".

A seguir se debruça sobre a especificidade da história oral realizada em países que passaram por experiências fascistas. Destaca que seu emprego está relacionado ao processo de "digestão" deste passado, que, de certa forma, estaria relacionado a "ideia de trabalhar um acontecimento" com objetivo de superá-lo psicologicamente, como em uma terapia. Como exemplos desta "vertente terapêutica" expõem o Projeto Luzir - histórias de vida dos trabalhadores do vale do Ruhr - e a pesquisa biográfica realizada por Gabriele Rosenthal, com pessoas que passaram pela Segunda Guerra, afirmando que estas experiências dizem mais respeito a história contemporânea alemã e a sua necessidade e desejo de superar esta "mancha do passado".

Em *História orale literatura: questões de fronteira*, analisa a obra alemã "Os anos roubados. Histórias narradas e narrativa histórica na entrevista: a Segunda Guerra Mundial do ponto de vista de ex-soldados de tropas", de Hans Schröder, para discutir questões como a "literacidade" da entrevista de história oral.

Enfatiza que a narrativa em história oral tem suas regras e a narrativa literária tem outras, embora, "por vezes as regras possam ser coincidentes". Destaca que é possível utilizar o instrumental teórico da área de letras e literatura para analisar a entrevista de história oral. Cotejando dois estudiosos da narrativa alemães, explicita a vinculação intrínseca existente entre o conteúdo e o sentido da narrativa oral e a sua forma, fato que pode e deve ser explorado pelo historiador.

A quinta parte do livro trata de um dos "principais alicerces da história oral": a narrativa. *Além das versões: possibilidades da narrativa em entrevistas de história oral*, retoma a relação entre história oral e literatura. Explica que "o entrevistado transforma aquilo que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido.

Lembra que as narrativas de história oral são fontes e como tal não são a realidade, mas "pistas", ou ainda "versões" de um passado que existiu, cabendo perguntar "o que podemos aprender especialmente com elas". Propõem uma via interessante para o tratamento desta especificidade seria a utilização de "instrumental teórico" da teoria da literatura, trazendo como aporte os estudos de Andreas Jolles dentre outros.

No texto intitulado *Dramas da vida: direito e narrativa na entrevista de Evandro Uns e Silva*, demonstra a aplicação "de elementos da teoria da literatura" na abordagem de entrevista de história oral. Este texto que já foi publicado no volume organizado por Olga von Simson, "Os desafios contemporâneos da história oral", discute o tema da comunicação da experiência efetivada pelo trabalho da linguagem que dá forma à narrativa. Evidencia

as possibilidade de análise através das "unidades narrativas da entrevista", as quais "dão a conhecer o trabalho envolvido na organização e comunicação de acontecimentos e experiências", atentando para a sua força narrativa e capacidade informativa.

O capítulo seis também já foi publicado em outra obra de referência em história oral. *Ideias e fatos na entrevista de Afonso Arinos de Melo Franco* consta da coletânea organizada por Marieta de Moraes Ferreira, "Entre-vistas: abordagens e usos da história oral", e nos remete a reflexão acerca do "estatuto de verdade" e da sua ancoragem na "realidade factual". Neste sentido, a entrevista em foco é analisada tendo como eixos a sua "realidade" mesma e a "realidade" no momento de sua realização, sublinhando assim o "potencial documental da entrevista de história oral".

O último texto, *Um drama em gente: trajetórias e projetos de Pessoa e seus heterônimos*, anteriormente publicado na coletânea "O biográfico: perspectivas interdisciplinares", coordenada por Bendito Schmidt, é parte integrante dos estudos realizados pela autora no seu doutoramento em Teoria da Literatura na Alemanha. Nele, um olhar interdisciplinar põe em diálogo a história, a literatura e a antropologia, as três áreas de formação da autora.

A análise feita de Pessoa está centrada nos escritos acerca dele mesmo e de seus outros (heterônimos), enseja a discussão da "condição do indivíduo moderno" e seu papel na criação literária. Neste sentido, discute questões que também interessam de perto ao fazer história e que mobilizam algumas discussões inflamadas com a chamada "pós-modernidade": o apagamento e a fragmentação do sujeito e da realidade e a impossibilidade de

aprende-los como totalidade.

Ao final *Ouvir Contar* não decepciona. A bagagem intelectual da autora não deixa margem para tal. Sua formação acadêmica interdisciplinar e sua longa atuação no CPDOC dão forma a um conjunto de textos dotados de profundidade e fluência, o quê torna sua leitura sem dúvida agradável. No entanto são textos que pressupõe uma certa iniciação por parte dos leitores, ainda que não padeçam de erudição excessiva. Sem descuidar das questões de fundo da história oral, extrapola os elementos recorrentes, propondo olhares mais ousados e diálogos mais amplos.

Junto a isso, seus estudos na Alemanha sinalizam as possibilidades que o pensamento germânico, notadamente literário e histórico, possibilitam. Fica a sugestão e o convite a novas incursões, inter e transdisciplinares e internacionais. Fica a certeza de que o conhecimento histórico se amplia, aprofundando as formas de explicar e de compreender o mundo que nos cerca, na medida em que nós historiadores ampliarmos nossos olhares e expandirmos o arco das nossas interações intelectuais.

Acima de tudo Alberti nos mostra que a história oral é um fato consumado do ponto de vista historiográfico. Os textos apresentados são testemunhos e documentos de sua validade como técnica de produção das fontes históricas. Fruto da experiência e da militância da autora, nos apresenta a história oral como um método, dirimindo dúvidas que ainda perduram sobre se seria um domínio da história ou não. A partir das reflexões teóricas e do trabalho empírico que apresenta, encaminha a reflexão sobre a relação entre história oral e memória, individual e coletiva, mas também entre a história oral e o próprio fazer história.